



## **O Autor Nunca é Neutro: A Crítica na Obra “Da Seara do Booz” do Cronista Humberto de Campos<sup>1</sup>**

Roberta Scheibe<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Amapá (Unifap)

### **Resumo**

Neste artigo será averiguada a presença da crítica política na obra *Da Seara do Booz* (1918) do cronista, poeta, jornalista e ensaísta Humberto de Campos. O artigo pretende exemplificar a temática através da análise de duas crônicas do livro. Além disso, será verificado o tipo de crônica predominante na obra pesquisada. A crítica deste tema diz respeito a temáticas e estilos postos em prática pelo autor. A análise será fundamentada nas classificações de crônica propostas por Antonio Candido, Luiz Beltrão e Afrânio Coutinho. A investigação utiliza o método analítico.

**Palavras-chave:** Humberto de Campos; *Da Seara do Booz*; crônica

### **1. Humberto de Campos**

Humberto de Campos era um escritor conhecidíssimo no Brasil dos anos de 1920. Os leitores que tinham acesso a jornais diários podiam apreciar os textos do escritor maranhense, repletos de dramatismo, tom confessional, de crítica social e, principalmente, política. Ele ainda esteve por trás de um famoso pseudônimo: Conselheiro XX, um nome fictício que o fazia escrever textos picantes que horrorizavam as famílias da época.

Apesar dos incontáveis textos publicados em jornais e livros, Humberto de Campos é pouco lembrado no Brasil por seu trajeto no jornalismo e na literatura. A bibliografia relacionada à vida e obra do autor é praticamente nula. Livros encontrados sobre a biografia do autor são mínimos e datam de 1920 a 1930. O Google, a maior ferramenta de busca do mundo, ao invés de encontrar os feitos do escritor nos jornais, destaca-o como um dos primeiros “espíritos a serem encarnados por Chico Xavier e enviar mensagens psicografadas” (GOOGLE, 2011). Chico Xavier é um médium brasileiro, já falecido, conhecido por psicografar mensagens de pessoas mortas, dentre as quais Humberto de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXXIV Congresso de Ciências da Comunicação realizado de 02 a 06 de setembro de 2011.

<sup>2</sup> Professora Titular e coordenadora do curso de Jornalismo da Unifap. É graduada em Jornalismo e Mestre em Letras – Estudos Literários, ambos pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: roberta.scheibe@unifap.br

Campos. Aliás, é exatamente por isto que o autor é conhecido. Seu rosto figura nas imagens expostas nas bibliotecas espíritas ambulantes, que circulam por todo o país. Ao lado de sua fotografia, estava escrita a palavra “amor”.

Humberto de Campos Veras nasceu em Miritiba, no Maranhão. Hoje a cidade natal do escritor homenageia o filho célebre com o seu nome. Campos nasceu em 25 de outubro de 1886 e faleceu no Rio de Janeiro em 5 de dezembro de 1934. Foi jornalista, cronista, contista, poeta, ensaísta e crítico. Em 1911 publicou o primeiro livro, que pertencia ao gênero poesia, chamado *Poeira*. Em 1912 mudou-se pro Rio de Janeiro e começou a trabalhar no jornal *O Imparcial*. O autor escreveu mais de 30 obras, entre elas as assinadas com o pseudônimo de Conselheiro XX. Obteve reconhecimento no período em que viveu, tendo, inclusive, feito parte da Academia Brasileira de Letras (ABL). Ele elegeu-se no dia 30 de outubro de 1919 para a Cadeira nº. 20, sucedendo a Emílio de Menezes, e foi recebido em 8 de maio de 1920, pelo acadêmico Luís Murat.

Campos assinou textos nos jornais cariocas *O jornal*, *Gazeta de Notícias*, *O Imparcial* e *Correio da Manhã*. Trabalhou, ainda, em São Paulo, no *São Paulo Jornal*, *Correio Paulistano* e *A Gazeta*; na Bahia, no jornal *A Tarde*; no Recife, no *Jornal do Recife*; e, em Porto Alegre, no *Diário de Notícias*. Escrevia todos os dias para os jornais, conforme ele mesmo afirma em seu livro intitulado *Diário secreto*:

Um artigo, diário, assinado, para *O Jornal*; um outro, anônimo, igualmente diário, sobre comunismo, para a mesma folha; ainda, todos os dias, para o *Diário da Noite*; três páginas por semana, para o jornalzinho humorístico *Não pode!*; anúncios comerciais para *A Capital*; e, a cada noite, 400 vocábulos para o *Vocabulário Ortográfico da Academia*. (CAMPOS, 1954, p. 162)

Colaborava, também, na revista *O Cruzeiro*, no semanário *Dom Quixote* e participava da revista *A Maçã*. Os textos que publicou nesta última revista provocaram inúmeros protestos contra o seu nome, por parte dos jornalistas Carlos de Laet, Eloy Pontes e Jackson de Figueiredo. No entanto, sua participação em *A Maçã* não deu certo e Campos retomou a escrita nos jornais, dedicando-se, cada vez mais, às suas crônicas. Nos idos da Revolução de 1930, Campos era o escritor mais lido no Brasil, segundo uma enquete realizada pela imprensa de São Paulo (REIS; CARVALHO; SOUZA; 1986, p. 44).

Humberto de Campos produziu quatro obras de textos reconhecidos como gênero crônica (há uma polêmica criada em torno de outros livros do autor, no que diz respeito a definição desses conteúdos como pertencentes ao gênero crônica), e em cada livro aparece a diferença de estilo da escrita utilizada pelo autor. Em *Da Seara do Booz* (1918), obra estudada neste artigo, o autor faz críticas à política adotada no Brasil no início do século passado, e também faz fortes comentários com relação às atividades exercidas pelos militares. A *Serpente de Bronze* (1921) é a primeira obra escrita com o pseudônimo Conselheiro XX e recrimina os valores daquela época. No livro *Sombras que sofrem* (1934), o autor prioriza os textos de caráter dramático e/ou confessional. Mostra problemas de saúde que ele próprio enfrentava e escreve sobre o amor. Muitas crônicas deste livro fundamentavam-se em respostas a cartas enviadas pelos leitores, em sua maioria mulheres. As respostas incentivavam tomadas de decisões por parte do leitor. Estes “conselhos” ora eram conservadores, ora com opiniões à frente de seu tempo. E *Últimas crônicas* (1936), livro póstumo do autor, traz alguns dos tantos textos publicados por Campos nos jornais da época no Rio de Janeiro. O livro apresenta críticas à história da civilização e às decisões políticas e sociais dos governantes da época em que o autor viveu.

## **2.O Gênero Crônica**

A crônica, gênero utilizado por Humberto de Campos, pode-se afirmar que esta provém da literatura, da história e, contemporaneamente, do jornalismo. A característica, ou a mania, de escrever histórias com um pé na realidade e outro na fantasia define a crônica brasileira. No jornalismo e na literatura mundiais, ela significa um relato cronológico de caráter histórico. Esse tipo de texto se evidencia como um gênero controvérsico, confirmando a afirmação de Melo, de que a crônica, em sua caracterização e em sua linguagem, varia de lugar para lugar. (MELO, 1994, p. 146)

A crônica trata de assuntos que, de um modo ou de outro, fazem parte da vida dos leitores. Além disso, goza de liberdades lingüísticas e estruturais, como utilizar-se do foco narrativo em primeira ou terceira pessoa e a de estabelecer diálogos. De acordo com Jorge Sá, “o objetivo básico [...] é deflagrar uma visão da essência, aproximando-se bastante do conto, que explora justamente a essência do relato” (SÁ, 1985, p.2). Assim, a crônica, inserida no jornalismo como um gênero literário, precisa ser arte. Para Alceu Amoroso

Lima, a crônica como arte é “uma atividade livre do nosso espírito no sentido de fazer bem alguma obra. Essa obra, para ser arte estética, e não apenas arte mecânica ou liberal, deve fazer do seu modo de expressão o seu fim” (LIMA, A., 1960, p.42).

Segundo o escritor e jornalista Carlos Heitor Cony, a crônica, no Brasil, nos séculos XVI e XVII, era um “gênero-bonde”, um “gênero-ônibus”, onde tudo cabia. Qualquer relato levava o nome de crônica (CONY, 2003, p. 02). No entanto, com o passar do tempo, a crônica começou a aperfeiçoar-se no seu estilo e nas suas características. Antonio Candido (CANDIDO, 1980, p. 5-13) encontrou as verdadeiras origens da crônica no Brasil, concebendo-a como um estilo moderno, bem posterior à carta de Pero Vaz de Caminha – considerada por Sá (1985, p.5) como a primeira crônica. De acordo com o ensaísta, esse gênero situado entre o jornalismo e a literatura apareceu no Correio Mercantil do Rio de Janeiro, entre 1854 e 1855.

No que se refere às crônicas de Humberto de Campos, todas as histórias são narradas por meio da visão de um contador de histórias. Este tem um julgamento com relação aos objetos, as situações, os lugares, os fatos e, principalmente, aos personagens. Segundo Reis; Carvalho; e Souza, as crônicas de Campos são fieis a uma estrutura: 1) Expõem a situação ocorrida; 2) Há um paralelismo ou analogia a um “caso” lendário, histórico ou literário; 3) o desfecho, geralmente em tom moralizante. A ordem dos itens pode variar (REIS; CARVALHO; E SOUZA; 1986, p. 32). Os textos são repletos de interesse pelo popular.

### **3.Da Seara do Booz**

Neste artigo será averiguada a presença da crítica política em *Da Seara do Booz* (1918), exemplificando com o desdobramento crítico de duas crônicas. Além disso, será verificado o tipo de crônica predominante na obra do autor. A análise será fundamentada nas classificações de crônica propostas por Antonio Candido, Luiz Beltrão e Afrânio Coutinho, três teóricos do presente assunto. A presente investigação adota o método analítico. Vale ressaltar que a expressão “estilo”, neste trabalho, detém-se aos modos de escrita utilizados pelo autor em questão.

Ao escrever crônicas cujo assunto era a política, especificamente nos textos abordados em *Da Seara do Booz*, Campos sempre se mostrou partidário dos ideais

republicanos, da democracia (FERREIRA, 1990, p. 37). Ele também escreveu sobre temas que mostrassem as afastadas possibilidades de mudanças políticas no Brasil.

Da Seara do Booz foi a primeira obra de crônicas de Humberto de Campos e aí predominam os temas políticos. As crônicas desse livro remontam a um texto bíblico chamado “A ceifa dos campos de Booz”, de Rute 2, do Antigo Testamento. Segundo Ferreira (FERREIRA, 1990), o autor compara seu trabalho literário às espigas de Rute. Nos textos, Campos sempre apresenta um tom de análise e julgamento. São perceptíveis fortes marcas ideológicas e de juízo de valor do próprio autor. As temáticas d’*Da Seara do Booz* são diversas. Campos transitou entre as lideranças da sociedade e o povo e, nos textos, fala dos hábitos de ambos. As crônicas contidas no livro realçam a deterioração do planeta e, em sua maioria, tecem comentários fatalistas acerca do destino do ser humano. O autor divaga sobre a existência, critica políticos, fala da sua própria miséria material inquieta-se com a ascensão feminina e fala da morte. As crônicas do presente livro são escritas tanto na primeira quanto na terceira pessoa do singular. Na obra predomina o narrador onisciente e o narrador-testemunha.

A política é a temática das seguintes crônicas do livro *Da Seara do Booz* (CAMPOS, 1961): “Um conto de Mark Twain” (p. 11-12), “Os veteranos de Alexandre” (p. 57-59), “O congresso dos noturnos” (p. 87-93), “Os tigres e os pássaros” (p. 85-87), “Esponjas” (p. 151-153), “Aos que sabem escrever” (p. 155-158), “A raposa crucificada” (p. 207-209) e “A cauda do rato” (p. 271-272), entre muitas outras.

A corrupção, por exemplo, é o tema de “Esponjas” (p. 151-153), uma crônica publicada no livro editado em 1918 e que parece extremamente atual nos dias de hoje. Nesse texto, Campos afirma que o homem furta ou sempre teve tentações de furto. Segundo o autor, tudo é uma questão de oportunidade.

Essa crônica tem a função de fazer a própria sociedade refletir sobre seus atos, mas é claro que o foco do autor são os políticos. Ele diz que a harmonia da sociedade depende “da educação dêsse vício”. Para Campos, “o segredo dos bons governos não consiste, pois, em suprimir os desonestos, porque ninguém luta contra a fatalidade; mas em conservar a harmonia do conjunto sem violência sobre os indivíduos”<sup>3</sup>, ou seja, o autor ironiza, sugerindo que se roube, mas sem causar prejuízo à sociedade. Na visão do cronista, a

---

<sup>3</sup> Foi mantida a grafia da Língua Portuguesa empregada no Brasil no período da publicação do livro.

função do governo não é “guerrear o roubo, mas reduzir os efeitos do roubo nas suas manifestações” (CAMPOS, 1961, p. 151).

Até o primeiro e longo parágrafo, o autor só consegue chocar o leitor, com a idéia de que o homem é, por natureza, um desonesto. Apenas no segundo, no terceiro e último parágrafos é que o leitor entende o que Campos quer dizer. Dando prosseguimento ao texto, o cronista conta a história do imperador Vespasiano, que foi uma das “maiores sanguessugas do povo romano”. Segundo Campos, o imperador aproveitava os desonestos para os cargos públicos, sem prejuízo para o povo. Dava a estes os cargos que lidavam com ouro e finanças e, depois, quando estavam ricos, o imperador os acusava de roubo, e os fazia devolver o valor roubado com altos juros. A esses homens que ocupavam cargos públicos ele dava o nome de “esponjas”.

Após a exposição do fato – de que o homem é, por si, um desonesto –, seguida de uma analogia ao caso histórico do imperador de Roma, Campos conclui que as “esponjas”, ou seja, os políticos corruptos, são o problema do Brasil. De acordo com ele, “o povo as aponta. O govêrno as conhece. A nação as vê”, e elas, mesmo assim, continuam sugando o ouro que resta do Brasil. Ao final, o autor deixa a pergunta: “Não será chegado, porventura, o tempo de espremê-las?” (p.153).

Valendo-se da menção a um personagem real, o imperador, Campos realiza um questionamento em relação aos valores da sociedade brasileira. Se o homem é, por natureza, um desonesto, então todos os valores e a cultura da sociedade estão voltados a essa condição – a desonestidade dos indivíduos. O ilícito já faz parte do cotidiano, do pensamento, dos hábitos, conforme Campos. Assim, a honestidade seria uma forma de ilusão e, para tomar parte nessa representação, o homem precisaria “fingir honestidade”, exatamente o que fez o imperador Vespasiano, em Roma, para continuar a viver em sociedade. Campos, em “Espanjas”, mostra que a vida em sociedade é um jogo, e força os leitores, entre os quais estão algumas lideranças políticas, a observarem a realidade absurda que o Brasil enfrenta nessa época, afirmando que a corrupção é notada pela população.

Esse texto traz uma narração em que aparecem personagens históricas, como o imperador e os demais ocupantes de cargos públicos por ele indicados. O texto relaciona o fator verdade – “realidade-corrupção” –, com o fator imaginação, a idéia das “esponjas”. Campos escreve sobre a realidade que o cerca, a desonestidade no governo brasileiro e, por

meio de uma comparação, aponta para a suposta “superioridade de valores” da antiga civilização romana, a de fingir honestidade. “Esponjas” evidencia o que Margarida de Souza Neves (NEVES, 1982, p. 82) chama de “espírito do tempo”, pois o texto proporciona ao autor o apontamento dos fatos e, também, a reconstrução da história através da imaginação. Assim, o cronista registra a corrupção brasileira mediante a idéia das “esponjas” que precisam ser “espremidas”.

“Esponjas” tem narrador onisciente, e pode ser classificada como “crônica especializada *satírico-humorística*”, segundo a definição proposta por Luiz Beltrão, porque recrimina, ridiculariza e ironiza os fatos e os personagens. Esse texto também pode ser considerado, de acordo com a classificação sugerida por Afrânio Coutinho, “crônica narrativa”, pois conta uma história, com o intuito de aproximar o fato real de outra situação já ocorrida num contexto distinto.

A crônica “Aos que sabem escrever” (p. 155-158) representa uma crítica às decisões dos políticos brasileiros. Campos inicia o texto com a apresentação do fato aos leitores: “Quando o ilustre sr. Pandiá Calógeras era deputado apresentou à Câmara um projeto de lei relativo ao aproveitamento das nossas jazidas minerais”. Na seqüência do texto, o autor escreve que o político “não era grego no assunto”, ou seja, que Calógeras não conhece a situação das minas brasileiras. Campos afirma que o político conhece, somente, “as particularidades das galerias subterrâneas da Sibéria, do Transwaal, da Índia, da Suécia e do Orange”, pelas quais “enveredava, de olhos fechados, no silêncio de seu gabinete” (p.155) por meio de livros e relatórios. O cronista quer dizer que os políticos não conhecem a realidade local e encantam-se com outros países, criando leis que não se adequam ao Brasil.

No parágrafo seguinte do texto, o autor enfatiza que Pandiá Calógeras passa “de médico a farmacêutico”, fazendo uma ironia ao fato desse político ter mudado de cargo de deputado a ministro. Na seqüência, critica o ex-deputado ao salientar que cabe a ele “aviar a receita que anteriormente formulara”. O autor sugere que o novo ministro não tem capacidade para fazer o que ele mesmo idealizara. Depois, Campos continua a crônica com uma anedota sobre um médico que, ao sair da faculdade, mandou o filho da lavadeira para “o outro mundo” porque aplicou-lhe uma pomada, “que, quando estudante, dizia infalível”. Ao fim da crônica, o autor traz mais uma anedota:

- Pequeno, sabes ler e escrever? – perguntaram, um dia, a um garôto.
- Escrever, sei; mas, ler, não sei, não senhor. (CAMPOS, 1961, p. 157)

Com as anedotas, Campos argumenta que o ministro Pandiá Calógeras deveria assumir que a sua lei é irregulamentável. O cronista compara “um doente” com o Brasil e a “pomada” com as decisões dos legisladores. Ao encerrar o texto, afirma que a maioria dos legisladores sabe apenas escrever, mas não sabe ler, ou seja, que eles criam novas leis e, depois, não sabem como sustentar e executar as próprias leis que criaram.

O tema e a crítica presentes nessa crônica de Campos continuam atuais. Deve-se levar em conta que a edição do livro também favorece a sobrevivência do texto. Porém, no que se refere especificamente aos limites temporais da crônica, “Aos que sabem escrever” mostra a realidade da sociedade em que o cronista vive, porque, como definiu Alceu Amoroso Lima, o cronista que escreveu o texto “vive no tempo e capta a mensagem do tempo, do seu tempo, da hora que passa, do dia-a-dia” (LIMA, A., 1960, p. 51).

Em “Aos que sabem escrever”, o autor não fala de si mesmo, e sim da política brasileira e da incompetência de Pandiá Calógeras. Campos questiona o poder dos políticos que não têm capacidade para cumprir suas funções e critica o sistema político brasileiro do qual, posteriormente, ele também faria parte como deputado. No texto, o cronista desmistifica a figura de Calógeras; quebra o tom de seriedade com que o político era retratado e abala a tradição da política ao dizer que os ministros são inferiores aos deputados. Campos analisa o “poder de Calógeras” com revolta, registrando a ação de um político que se mostra impotente. A crônica de Campos demonstra que Calógeras não tem razão nas decisões que toma. O texto foi escrito na terceira pessoa do singular e pode ser considerado, de acordo com a definição de Luiz Beltrão, “crônica especializada *satírico-humorística*”.

Em *Da Seara do Booz*, Campos também não fala do seu “eu”; ao contrário, preocupa-se com as questões pertinentes à sociedade. Ao longo dos textos, o autor denuncia muitos políticos e, sobre outros, tece comentários nada favoráveis, capazes de atrapalhar a carreira de alguns. Na crônica “A raposa crucificada” (p. 207-209), Humberto de Campos conta a história de Pinheiro Machado, líder político extremamente admirado por ele, que

teria chamado “Lauro Müller”, Ministro das Relações Exteriores, de “raposa de espada à cinta”. No texto, Campos toma o partido de Pinheiro Machado e reforça a acusação feita por este contra Müller. Afirma que o ministro queria “arrastar o exército para o seu buraco político”.

O cronista critica Müller ao dizer que a afirmação de Machado se justifica. Ao longo da crônica, fica claro que o autor considera Müller um traidor e um aproveitador, justamente por querer o exército a favor das suas idéias e práticas. Campos comenta que nenhuma fábula poderia aplicar-se ao ministro, porque este era uma raposa enganada. Segue dizendo que todos os animais logram-se, inclusive, a si mesmos, no “tumulto de sua leviandade”, e deixa implícito que Müller logra os outros, assim como os demais também o logram. Por isso, chama-o de “raposa crucificada” (p.207).

No próximo parágrafo do texto, Campos critica, ainda, a religião católica. Escreve que os jesuítas foram os primeiros a penetrarem o interior da “Baía” – grafismo empregado pelo autor - e cita o historiador Southey, de acordo com o qual a “Baía”, que representa o Brasil, fora surpreendida com a prática de uma religião cristã “horrendamente desfigurada”. Ao dizer que o cristianismo havia sido “desfigurado”, Campos revela a sua antipatia pela Igreja e, ainda, enfatiza o domínio e o poder de manipulação exercido por essa instituição, acrescentando que os religiosos europeus eram imitados pelos demais padres.

Ao arrematar o texto, Campos julga e condena Müller e a religião cristã. Escreve que os índios adoravam uma cruz em que pregaram uma raposa e destaca que Lauro Müller foi colocado na cruz. Com isso, o autor ressalta que os cristãos adoram a raposa, um animal considerado traidor, e que o político não foi colocado na cruz pelos seus milagres, e sim pela “impatriótica teimosia dos seus devotos” (p.209).

A crônica, publicada em 1918, possui um caráter factual. Na época em que Campos a escreveu, fervilhavam as brigas políticas do General Pinheiro Machado, personagem preferido do cronista, mencionado em vários outros textos, tais como “Os veteranos de Alexandre” (p. 57), “Quem vai dar as cartas” (p. 61), “Uma frase do General” (p. 63), “Saudades do cativo” (p. 67). Essas farpas trocadas pelos políticos eram assuntos diários, abordados nos jornais. Assim, a crônica em questão remete à origem da palavra crônica, que tem, primeiramente, um significado ligado à narração dos fatos em ordem cronológica e, depois, uma acepção vinculada ao jornalismo, porque, como afirma Vieira (apud

COUTINHO, 1971, p. 108), os jornais são o lugar onde se escrevem os principais fatos do dia, comentados, muitas vezes, pelo cronista. É importante salientar que não foram encontrados registros de que as crônicas publicadas em *Da Seara do Booz* sejam inéditas, porém, mesmo que haja tal ineditismo, o que importa é o fato de o cronista comentar, em livro, um assunto ampliado nos jornais.

“A raposa crucificada” é uma crônica escrita na terceira pessoa, na qual transparece o julgamento do autor acerca do comportamento das pessoas, em particular de Lauro Müller. O plano narrativo da crônica está no presente, mesmo que ocorra o resgate histórico da colonização dos jesuítas. No texto, o autor opina com a intenção de persuadir o leitor, posicionando-se do lado de Pinheiro Machado e, assim, definindo o seu lugar nos conflitos políticos que estão em pauta.

“A raposa crucificada” constitui um texto bem elaborado e requintado, que se caracteriza pelo rigor formal. Essa crônica pode ser considerada, segundo definição de Luiz Beltrão, “especializada analítica”, pois seu objetivo é apresentar o fato, com o posicionamento do autor sobre o tema. Além disso, pode se enquadrar na classificação “crônica-comentário”, de Afrânio Coutinho, que tem como finalidade enfatizar a opinião do cronista sobre determinado assunto.

Deste modo, torna-se perceptível que Humberto de Campos, em todos os seus textos, é um observador. Tem sensibilidade aguçada, repara nos detalhes da sociedade e da realidade em que vive. As crônicas do autor geralmente apresentam o fato e, em seguida, trazem um exemplo histórico e, por fim, um julgamento de valor, ou uma espécie de “lição de moral”. Esses textos, geralmente, revelam as grandes transformações da sociedade, como, por exemplo, fenômenos ligados ao crescimento da cidade, mas é sobre os fatos corriqueiros do dia-a-dia que Campos detém sua atenção.

É importante enfatizar que o material teórico sobre o autor é quase inexistente. Um dos poucos estudos sobre as crônicas de Humberto de Campos está na dissertação da autora do presente trabalho, intitulada “A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto de Campos”, que serviu de inspiração para este artigo e vem enriquecer a sua escassa fortuna crítica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, Humberto. **Da Seara do Booz**. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editora Brasileira, 1961. \_\_\_\_\_ . **Diário Secreto**. Rio de Janeiro: Jackson, 1954. 2v. II.
- CANDIDO, Antonio (Org.). **A vida ao rés-do-chão**. In: *Crônica*. São Paulo: Unicamp, 1992. PP. 13 – 22.
- CONY, Carlos Heitor. **A escrava do tempo e seu adorador**. In: SCHEIBE, Roberta. *O diálogo entre literatura e jornalismo*. Monografia de conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. UPF: Passo Fundo, 2003.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1971.
- FERREIRA, Nélia do Nascimento. **A intertextualidade nas crônicas de Humberto de Campos (1910-1934)**. Porto Alegre: PUC, 1990.
- GOOGLE. **Página Principal com o verbete Humberto de Campos**. Acesso em: 10 de julho de 2011.
- MELO, Marques de. **Crônica**. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura – A sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- NEVES, Margarida de Souza. **Uma escrita do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas**. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *Crônica*. Campinas: Unicamp, 1992.
- REIS, Roberto; CARVALHO, Lúcia Helena; SOUZA, Roberto Acízelo. **O miolo e o pão**. Niterói: Editora Universitária Fluminense, 1986.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.